

FOLHA POLITICA E LITTERARIA.

—SUBSCREVE-SE A 28500 RS. POR TRIMESTRE (13 NÚMEROS) E VENDE-SE CADA FOLHA AVULSA A 200 RS. NESTA TYP.

SABBADO 12 DE JUNHO.

MAKANHÃO TYPOGRAPHIA DA TEMPERANÇA, IMPRESSO POR MANOEL PEREIRA RAMOS, NA RUA FORMOSA CAZA N. 2.

EXTERIOR.

Corresp. do Jornal do Commercio.

Paris, 13 de março.

Tão estrepitosas tem sido as alegrias manifestadas nas altas regiões administrativas, em consequencia da recente reconciliação de Guizot, com lord Normanby, que talvez nem a propria noticia de que Inglaterra tinha emfim pedido o *exequatur* para o seu consul de Argel, tivesse produzido maior effeito. A *Presse* e o *Jornal dos Debates* entoarão hymnos de triumpho. Guizot celebrará o faustissimo acontecimento com um jantar a todo o corpo diplomatico; um enorme rosbife se encontrará, em plena Mancha um dia destes com um timível queijo de Chester, em signal de reciproco contentamento.

Para dizer a verdade, assaz motivos tem tido a diplomacia franceza para se dar por contente de toda a marcha deste negocio, em que a Inglaterra, depois de se ter desmandado em arrogancias inuteis, só recolheu ampla colheita de humilhações e de desaires. Foi o proprio gabinete inglez quem tomou a iniciativa da reconciliação, pedindo ao embaixador austriaco que se encarregasse do papel de mediador; foi lord Normanby quem retirou a sua arrogante pretensão de uma retractação da tribuna; foi o mesmo lord Normanby quem, depois de ter estabelecido, como condição *sine qua non* da paz, a inserção de um artigo no *Monitor*, em que o facto fosse referido ao seu modo, acabou renunciando a esta segunda pretensão, do mesmo modo que tinha renunciado á primeira; em fim, para que nada faltasse de tudo quanto podia ser proprio para honrar o amor proprio do ministro francez, até se lavrou, *ad perpetuum rei memoriam* uma especie de auto ou assento, assignado pelo conde de Appony, em que este declara que com effeito toda a iniciativa da reconciliação proveio realmente de Inglaterra, sem que Guizot tivesse cedido uma unica pollegada do seu tercello.

Aquelles, para quem, fóra da alliança ingleza, não pôde haver salvação, e que por isso mesmo almejo pelo restabelecimento da *cordial intelligencia*, tem tomado todas estas concessões de Inglaterra por penhores ou arrhas seguras de completa e duradoura reconciliação entre os dous gabinetes; porém enganão-se redondamente; e a prova é que o rei Leopoldo, de cuja mediação se esperava este milagre, acaba de recusar, em consequencia de insinuações que lhe vierão de Londres, o officio de mediador que lhe foi offerecido pelas *Tulherias*. A politica ingleza nunca progrediu as cegas, se entende que devia re-

cusar tanto, como recusou, nesta dissensão pessoal entre o seu embaixador e o ministro francez, não foi senão porque gravissimos interesses o exigião. O interesse é o unico alvo a que faz constantemente a pontaria a razão de estado de Inglaterra, em todas as suas operações.

Porém já vejo que depois de me ter explicado tão claramente, como acabo de fazer, sobre a existencia de motivos secretos da parte de Inglaterra, constituido fico na obrigação de declarar quaes foram esses interesses gravissimos que assim obrigá-o ao governo de Londres a fazer a face da Europa tão triste figura, como fez, em uma questão que tinha attrahido de uma maneira tão especial a attenção de todos os gabinetes. A explicação satisfactoria deste enigma não me parece difficil. Eis-aqui tem o leitor a minha opinião particular: medite-a e considere-a, e veja se dei no viute.

O governo inglez tinha necessidade de contrahir o seu empréstimo do 8 milhões esterlinos, e de contrahir-lo sem a mais pequena demora, porque as circumstancias erão urgentes; mas para que a operação podesse realisar-se com a vantagem possível, era necessario remover sem perda de tempo a idea de uma dissensão entre os dous gabinetes de França e Inglaterra, que todos os dias ameaçava gravissimas consequencias; para que esta espada de Damocles, pendente sobre a praça, não fizesse esmorecer a confiança dos capitalistas, sem a qual nada seria possível obter. Daqui a convicção do governo sobre a necessidade de uma reconciliação immediata, ou pelo menos de uma apparencia de reconciliação.

Estabelecido que não havia remedio senão tomar por este caminho, claro estava que era preciso levar a cousa de agadilho, e foi o que com effeito aconteceu. O gabinete tomou resolutamente a iniciativa da comedia que meditava, e expodio as instrucções competentes a lord Normanby: o resto marchou sem difficuldade, e segundo se tinha previsto. A reconciliação teve lugar; Guizot engoliu a pilula; a confiança dos capitalistas renasceu, o empréstimo contrahiu-se com a maior vantagem possível á vista das circumstancias; mas quando Luiz Filipe, tomando a cousa á letra, quiz ir mais longe, e encarregou o rei Leopoldo de consolidar, por meio da sua mediação, as pazes iniciadas debaixo de tão felizes auspícios, no mesmo momento encontrou entre si e Inglaterra a antiga espinha do casamento do duque de Montpensier, e ficou convencido que, sem a renuncia formal do seu filho aos seus direitos eventuaes á coroa de Hespanha, não havia a mais pequena esperanza de reconciliação sincera e duradoura.

Ainda não chegou Christian; porém

não tarda, porque já está em caminho. Fêz bem em se vir safando de Hespanha, enquanto podia fazê-lo sem perigo; porque pela maneira porque as cousas se vão encarreirando neste paiz, de todas as desgraças se devia receiar, sem excepção da ultima do cadafalso. Por agora todos os inconvenientes da sua conservação em Madrid se reduzião á necessidade em que se via de tragar todos os dias um novo calix de amargura á saude da familia do infante D. Francisco, com quem se achava em cordial desintelligencia; porém apenas Cabrera tomasse o commando do exercito carlista de operações, o que não pôde tardar, subiriam as cousas muito de ponto. Todos sabem que o temível Aragonéz fez voto de sacrificá-la aos manes de sua mãe, fuzilada por ordem da ex-regente; e com votos de pessoas de tal caracter, como Cabrera, não ha brincadeiras que ter. Será definitivamente em França que esta magestade fallida fixará a sua residencia ulterior. Seu marido naturalisar-se-ha Francez, e tomará assento na camara dos pares, quando for tempo; entretanto já Luiz Filipe para preparar-lhe o caminho para a destino que o espera, lhe conferio o titulo de duque de Montmorat, de que ficará igualmente usando sua mulher. Montmorat é uma pequena aldeia junto do Jura, onde Chritina, antes da sua ultima partida para Madrid, comprou aquellas ricas salinas que hoje possui, e com quem a imprensa de Paris tanto se occupou por essa occasão.

Espera-se aqui dentro de poucos dias o conde de Mensdorf, parente muito proximo da rainha Victoria, é do rei da Belgica. Ha muito quem veja nelle aquella feliz affinidade de intermedio de que se necessita para operar a fuzão tão desejada entre as duas côrtes de Londres e de Paris; porém já todos sabem que o verdadeiro theatro da sua missão pacificadora não é Paris, é Lisboa: se por aqui faz caminho, é unicamente para recolher de passagem os conselhos do grão politico das Tulherias, que, tendo lançado Portugal na crise em que se acha, o a familia acinante no perigo em que se vê, deve ter mais interesse que ninguém em desinbarçá-la dos apuros em que a pôz. Um dos pontos principaes das instrucções dadas ao illustre medindor pelo rei da Belgica, que foi quem lhe commetteu a missão de que se acha encarregado consiste em solicitar a expulsão do façanhoso conselheiro allemão Dietz que passa por inspirador da politica das Necessidades, não obstante dever a familia real á sua milagrosa administração as grandes sommas que por sua conta estão depositadas em diferentes bancos da Europa, e de cujo producto poderá viver honradamente se alguma catastrophe a puzer na necessidade de enfi-

grar. A invencível antipathia do paiz contra o milagroso administrador é sufficientemente apreciada pelo rei da Belgica; porém as contas que elle lança, fundadas na supposição de que o sacrificio do conselheiro será bastante para produzir a reconciliação da familia reinante com a nação, não de lhe sair furadas. No estado a que tem chegado a irritação do paiz é impossível que a exaltação dos espiritos se contente com bagatelas.

Foi um pouco prematura a noticia, que se espalhou na camara dos deputados, do fallecimento do ministro da justiça Martin do Norte, porque só hontem 12 é que realmente falleceu. Esta circumstancia tem até agora embaraçado o procurador geral Hebert de recolher a sua successão: recolhê-la-ha contudo, mas com uma reserva mui importante, calculada para dar satisfação ao partido ecclesiastico, que não podia levar á paciencia semelhante nomeação. O ministerio dos cultos será desmembrado do da justiça, ou para ser reunido ao da instrucção publica, ou para fazer o objecto de uma nova pasta, que, em tal caso, fará subir de nove a dez o numero dos membros do gabinete.

Raras vezes me costumo occupar com o que se passa no tribunal de policia correctional desta cidade, porque só por acaso é que as questões, que nelle se agitam tem alguma relação directa ou indirecta com a politica; desta porém não posso deixar de fazer menção de uma das suas mais recentes decisões, pelo que nella encontro de exorbitante, e além disto de curioso. A viuva do illustre Hahnemann acaba de ser por elle condemnada a uma multa de cem francos, por crime de exercicio illegal da medicina. Foi Orfã em pessoa quem quiz ter a coragem de lhe servir de accusador! O arroganho com que a ré, munida de um simples diploma honorifico da academia americana de Allen-Town, se abalançava a exercitar a sciencia regenerada por seu marido, percebendo e exigindo honorarios pingues e consideraveis, tinha certamente um pouco de extravagante; porém o facto da sua condemnação é a prova mais completa que a faculdade de medicina de Paris podia dar da impossibilidade em que se acha de combater a doutrina que lhe faz sombra com argumentos capazes de convencer. Quando assim se recorre ao emprego de meios inquisitoriaes, é evidente que toda a confiança nas armas da discussão e do raciocinio está inteiramente perdida.

Ninguém conclua, porém, do que acaba de se passar, que as sympathias da população de Paris para o novo systema tem esfriado; precisamente o contrario desta supposição é o que se verifica; e são os proprios medicos heteropathicos os que o dizem. Um dia destes, por exemplo, ouvi eu no collegio de Franca, da propria boca de Magendie, os mais amargos queixumes por causa da incrível cegueira com que o publico da capital desertava dos gabinetes das primeiras sumidades medicas de Paris para acudir em cardumes aos de individuos taes como Crosorio, Laffitte, Petroz, Leon Simon, e outros, *quidam furfuris*, que, no conceito do queixoso, não passão de completos e refinadissimos charlatães: ora, quanto mais violentas são as injurias e inectivas de todos estes Escríbas e Phariseos do velho testamento medico contra os pragaes da Boa Nova, vindo de Koothen, tanto maior é a prova

que dellas resulta a favor da mesma doutrina que se combate.

De resto, a exorbitancia de que a faculdade de medicina de Paris acaba de dar tão vergonhoso exemplo, está em perfeita contradicção com o recente procedimento do governo austriaco, que, bem longe de perseguir a nova crença, acaba, pelo contrario, de autorisar o exercicio da medicina homeopathica em todos os estados da monarchia, concedendo, além disto, aos medicos da mesma categoria a faculdade outrolra tão defendida de preparar e administrar os medicamentos necessarios ao exercicio da sua arte. Esta resolução de um governo tão illustrado, depois de tão grandes hesitações, é facto de muita consideração.

OS INGEZEES NA INDIA.

Paris, 20 de fevereiro de 1847.

—O reino creado pelo genio de Runjet-Singh cessou definitivamente de ser um estado independente. Como tem acontecido a tantos outros, precipitou-se mais pelas crimes e pela loucura daquelles mesmos que maior interesse tinham na sua conservação, do que pela ambição europeia, na esphera absorbente do dominio inglez. O Punjab partilhou o destino commun a todos os imperios asiaticos que, creados por herões, encherão o mundo com o brado da sua gloria, enquanto viveu o homem poderoso cujo alma lhe dava movimento e vida, desmoronando depois da sua morte em restos informes dos quaes até o nome se esquece dentro de poucos annos. Incapazes desses sentimentos de providencia e de moderação que fazem a força dos povos europeos, estranhos a todas as idéas de organização social, insensíveis e como que surdos á voz do direito e da justiça, não tem os Asiaticos, salvo uma unica excepção, fundada imperios duradouros: as suas creações politicas pareceram ter sido feitas mortalmente na nascença, e que foram destinadas a desaparecer como as trombas do vento do deserto, e que se desfazem, logo que a natureza acalma, em pó inerte e esteril. Tal foi a sorte dos Mogols, dos dos Affghans, do Mysore, dos Mahrattas e dos Sikhs: apenas se pozerao em contacto com o genio europeu representado pelos agentes de uma companhia de negociantes, lavrou se a sua sentença, e bastou que a Inglaterra soubesse esperar, para que se lhe proporcionasse o dia em que, sem grandes esforços, e sem ser obrigada a fazer custosos sacrificios, lhe era dado segurar a sua presa, impôr o seu jugo a tantos milhões de homens e a tantos povos outrora celebres, que já não são hoje corpos ou existencias politicas. Tal será talvez, em um futuro pouco distante, a sorte de tudo o que até agora tem escapado na Asia ao genio conquistador da Europa; porquanto, não nos devemos enganar, se as raças europeas parecem ter renunciado ás suas guerras intestinas, é porque se pozerao em movimento para conquistar o mundo. A historia dos nossos ultimos cincoenta annos o prova evidentemente.

O Punjab, o reino dos cinco rios, como diz o seu nome, era um paiz que singularmente convinha aos Inglezes. E a porta da India, a estrada necessaria por onde tem recebido todos os seus conquistadores, destes Alexandre Mahmoud e

Ghaznevid, até Baber e Nadir-Shah, e contudo, graças aos seus cinco rios dispostos pela natureza quasi parallelamente uns aos outros, é um territorio que apresenta á defesa um systema de linhas estrategicas com o qual é mais que facil fazer uma posição militar quasi inexpugnável. Conquistar o Punjab, era para a India britannica conquistar a sua segurança. No mais é um paiz sadio, habitado por uma população numerosa, valente e adiantada na industria, e que deye á sua situação geographica o ser o emporio de vastissimos commercios. Mas grande tanto motivos que deviao solicitar a cobiça da Inglaterra, soube esperar á occasião, e hoje sem combates, sem violencia, vê o reino do Runjet-Singh obrigado a lançar-se-lhe nos braços e a pedir-lhe humildemente o beneficio da sua tutela. Ao ler a narração que os jornaes da India nos dão desses successos, dir-se-hia que a Inglaterra teve de violentar a sua vontade para resignar-se a aceitar esse territorio tão importante: e de ha tão longo tempo cobido! No que refereo essas folhas ha exaggeração manifestas, e por nossa parte não acreditamos em tanta modestia e desinteresse: temos mesmo por certo que homens tão habéis, servidores tão zelosos do seu paiz, como são o Sr. Currie e o coronel Lawrence, não deixáram de empregar todos os recursos da sua politica para provocarem um desfecho tão vantajoso ao seu paiz: mas, para ser justo, sempre reconhecer também que a força das cousas, o temor que inspirava aos asiaticos a idéa de tornarem a ficar abandonados a si mesmos, teve muito mais influencia nestas circumstancias, do que todo o talento dos agentes inglezes. Referiremos aqui como se passaram as cousas:

Todos se lembrão sem duvida das scenas de violencia, das revoltas, dos assassinatos e dos crimes de toda a casta que assoláram o Punjab por fallecimento de Runjet-Singh; todos se lembrão também da situação politica desse paiz ao fim de 1845. Estava então dividido entre duas influencias principaes, ambas demasiadamente fortes para poderem destruir-se sem uma longa serie de novos combates. De um lado ao occidente, um dos mais poderosos sirdars do Maharajah, Goulab-Singh, tinha conseguido crear um pequeno principado onde era muito difficil atacá-lo; do outro uma regente, a Rani chanda, em nome do ultimo neto do Maharajah Dhalip-Singh, que contava então cinco annos de idade, exercia uma autoridade muito contestada no resto do reino, coadjuvada pelo seu vizir e amante Lall-Singh. A rainha regente tinha apparencia a maior parte do poder, mas a essa mesma suprenencia andava ligada um perigo grave; era o exercito creado pelo Maharajah, no qual só o seu heroismo podia manter a disciplina. Para pôr termo ás revoltas incessantes desses soldados, para se livrarem delles, a rainha e o seu vizir consentirão, e talvez os excitassem mesmo a invadir o territorio inglez. Aconteceu o que se previa: formado por officiaes francezes bateo-se bem o exercito sikho, mas por fim depois de quatro batalhas sanguinolentas das umas após outras, deixou a passagem livre aos Inglezes victoriosos, em cujos braços se lançou pressurosa a rainha regente pedindo lhes apoio e protecção. Pelo tratado de Amitsir, celebrado em março

P. P. garantido-se a coroa a seu filho e a ella a posição de regente, e affim de dar-lhe meios de restabelecer a ordem no seu reino, agitado por tantas convulsões violentas, concedeu-se-lhe a pedido seu, e por um anno, o soccorro de uma guarnição de dez mil homens de tropa ingleza, imposto-se-lhe por condição que pagaria uma parte das despesas da guerra, e que reconheceria a existência official do principado de Diamão que se erigia em estado independente, em favor de Goulab-Singh que os Inglezes queriam recompensar, pela neutralidade que observara durante a guerra. Erão condições muito generosas, mas das quaes em realidade nenhuma vantagem devia colher.

Com a imprevidencia que caracteriza os Asiaticos, a desventurada princeza, em vez de aproveitar a oportunidade que lhe dava a presença das tropas inglezas para restabelecer alguma ordem no seu reino, consumiu todo o tempo em festas dispendiosas, em extravagancias, escandalosas o publico aliás pouco escrupuloso da sua capital com a loucura dos seus amores, e lançou-se em uma intriga que servio de pretexto para a sua perda. Nem ella nem o seu valido Lall Singh podião perdoar a Goulab-Singh a sua fortuna, e fomentáram uma insurreicção contra elle no vallo de Cachemira. Hum mussulmano, o scheik Iman-Oud-Din, julgando-os por sem duvida apoiados pela Inglaterra, poz-se á testa da revolta; mas quando vio as tropas inglezas voar em soccorro de Goulab-Singh, trahiu logo de capitular, e entregando-se á mercê do coronel Laurence, deu-lhe umas cartas que recebera de Lall-Singh. Essas cartas, do que os Inglezes souberão aproveitar-se, produzirão o desfecho que as ultimas noticias da India nos annuncião.

Era chegado o mez de dezembro, época em que devia terminar a occupação ingleza. Os Inglezes, fiéis á letra dos tratados, fazião os seus preparativos de partida; um dos seus regimentos estava já em marcha para passar o Sutledge, quando no dia 3 foi convidado o vizir Lall-Singh para comparecer na barraca de estado do Sr. Currie, agente politico do governo inglez no reino de Lahore. O Sr. Currie, sir John Littler, e os coroneis Laurence e Goldie ali se tinham reunido em tribunal, ao qual assistia o scheik Iman-Oud-Din rodeado dos ministros e de todas as pessoas de alguma importancia que então se achavão na capital; e para que nada faltasse á solemnidade desta scena singular, mandou o Sr. Currie que de todos os lados se levantassem os panos da barraca, affim de todos poderem ver o que se ia passar. Tratava-se de processar o malfado vizir. Logo que este se sentou, levantou-se o scheik e obrigou-o a reconhecer por suas cartas aconselhadas. Lall-Singh ficou estupefacto e não respondeu. Os officiaes inglezes deliberão para salvar as formulas e annuncio aos ministros e ás mais pessoas presentes que a Inglaterra rompo todas as relações politicas com um governo cujo chefe fomenta insurreicções contra Goulab-Singh, contra um aliado fiel da Grã-Bretanha. Os Indios pedem permissão tambem para dolherar, proclamão acto continuo a demissão de Lall-Singh, e para salvar-lo do furor popular, decidem que o criminoso será entregue aos Inglezes, que o deportão para Bengala, onde poderão

encerra-lo numa dessas prisões de estado onde lentamente se tem extinguido tantas familias de principis. Ao mesmo tempo, e para que não padecessem os negocios publicos, nomeou-se uma commissão composta das principais pessoas presentes, para dar o seu parecer sobre a formação de uma nova administração.

Era o ponto em que os esperava a politica ingleza. Enquanto os sirdars discutião sem poder chegar a um accordo, continuavão os Inglezes, sem dizer palavra, seus preparativos de partida, certos de que podião a todas essas personagens, divididas por tantos odios, interesses e ambições inconciliaveis que concordassem sobre a salvacão e independencia do seu paiz, era exigir d'elles o impossivel. E de feito, após doze dias de conferencias inuteis, todos ellas (eraõ mais de 70) possuidos do terror com a idea do que poderia occorrer depois da partida do exercito de occupação, se apresentarão na barraca do Sr. Currie para pedir-lhe que accitasse em nome da Inglaterra o protectorado do Lahore, isto é, o aniquilamento politico do seu paiz. Os Inglezes cederaõ aos votos que lhe eraõ exprimidos por maneira tão tocante, estabelecendo porem as suas condições. Consentindo, em nome do governador geral da India, em que o Punjab seria occupado por uma divisão de 10,000 homens durante a minoridade do joven Maharajah, e que o residente inglez, na corte de Lahore, se dignaria exercer as funcções de vizir, exigirão q. a administração do paiz lhe fosse confiada; que ninguem no futuro podesse ser vizir nem regente sem o nome, e que o Punjab se compromettesse a pagar a somma annual de 22 lacs de rupias para cobrir as despesas na occupação. Ao mesmo tempo, e para que ninguem ficasse lezado com estes novos arranjos, estipulou-se que a rainha regente, que não quizesse assistir ás conferencias, receberia uma pensão de 375,000 francos. Com estas condições consentirão os Inglezes em contramandar a partida das tropas, e em apoderar-se definitivamente do Punjab.

(Jornal do Commercio.)

PARANHÃO.

Publicações a pedido.

—Ilm. e Exm. Sr.—Não podendo em cobrar a importancia do custo da algumas obras de que sou encarregado sem que tenha de soffrer um processo crime ou civil, ou uma delonga tal que equivale a um prejuizo certo, porque o Procurador fiscal Antonio Joaquim Tavares, meu inimigo capital, valendo-se do seu emprego para satisfazer vingancas particulares, poem toda a sorte de estorvos e tropeços aos meus requerimentos á Fazenda, como não he desconhecido a V. Exc. a quem mais de uma vez tenho recorrido, seja para mandar satisfazer pagamentos que erão por elle embarçados debaixo dos pretextos os mais futeis, seja para me mandar prestar com anticipação a importancia de algumas obras, affim de evitar os referidos embarços e tropeços, e como na qualidade de official Engenheiro seja obrigado a dirigir as obras da Nação, mas não a soffrer graves prejuizos e emcommodos, ja nos pagamentos demorados, ja nos processos crimes e civis em que tenho de defender-me á minha custa, para o que he pequeno o soldo e gratificações que recebo: vou rogar a V. Exc. que at-

tentos de motivos ponderados, haja a favor de, quando me encarregar de obras da minha direcção para o simples determinando a Thesouraria que me forneça os materiais e operarios, contando com o meu ouvido sobre a qualidade dos primeiros, e propriedade dos segundos.

Não he vão receio em mim. Exm. Sr. quando prometo subtrahir-me a um trabalho, que, por não haver na Provincia uma Repartição fiscal d'obras publicas, sempre carregou sobre os Engenheiros encarregados das obras: eu fallo da compra dos materiais, e ajustes dos operarios; mas ja se não trata de processos crimes de concussão contra mim, talvez porque victoriosos eu sempre n'elles, cabê a Municipalidade o pagamento das custas; agora são-me movidos processos civis nos quaes não tenho somente de carregar com as despesas inherentes a um processado, mas com as das custas, embora victoriosos fiquem, como espero dos Tribunaes do Paiz que me não sempre feito justiça.

Tendo exposto a V. Exc. as razões que me obrigão a pedir a despesa de ser encarregado da compra de materiais, e ajuste d'obreiros, festa-me acrescentar que julgo prudente subrestar no começo de algumas obras de que ja tinha sido encarregado até que V. Exc. se sirva delem-me como for de justiça.

Deos Guarde a V. Exq. Maranhão 8 de Junho de 1847.—Ilm. e Exm. Sr. Dr. Joaquim Franco de Sá, Presidente da Provincia.—Juze Joaquim Rodrigues Lopes, Major, graduado do 1.º C. de Engenheiros.

Sr. Redactor.

Não é por certo, Sr. de minha alma, o trabalho de dirigir-lhe uma correspondencia, que ora me faz pegar da pena, e sim o desejo de novamente fazer apparecer á luz dos prelos, os 2 seguintes artigos do *Unitario*, outrora escripto sob a influencia dos Srs. Mariani, Cerqueira Pinto, D. Francisco, Angelo, Corino, Tavares & contra o puro cabano, o Sr. Candido Mendes d'Almeida.

Ellos—

O BRADO DE CAXIAS.

—Ho com este titulo que o bom conhecido Candido Mendes d'Almeida, accommette os honrados Caxienses. Filho primogenito do Picapá, e Oppinião Maranhense, o Brado de Caxias não he mais que um posto onde os folclucarios vão presgar os seus quotidianos pasquins. Caxias que ainda não tinha passado pela crise terrivel de se ver com hum imprensa prostituida, e só de proposito ali estabelecida para concitar os odios e rivalidades pessoais, está muito ameaçada por esse pugilo de desvarados, perdidos inteiramente na oppinião publica. . . . Cinco numeros tem chegado do Brado de Caxias á esta Cidade, e supposto fosse oppinião seguida e invariavel de que bastarão os seus autores, temos de confessar que os Cidadãos mais respeitaveis daquella Comarca, e as primeiras autoridades não são pompados nos dentes venenosos dos sycarios intitulados amigos da ordem; e que tomarão por primeira pessoa o Dr. Parado contra quem arremettam esse miseravel rabiscador de papel. A chegada do Dr. Luiz de Direito foi annunciada com mil improperios, só proprios dos escrevinhadores do immortal Picapá.

e o Dr. Vaz huma das pessoas de distincção e respeito indifferente a partidos, além de outros individuos, e cuja familia lie digna em Caxias da maior consideração também não escapou ao diluvio universal....

Talvez que estos folclorarios que não respoltarão no Picapáu, e Oppiúno Maranhense a honra e vida dos Maranhenses nesta Cidade tenhaõ do arrepende-se em Caxias mais tarde....

(Do Unitario n. 9. de 4 de Outubro de 1845.)

—Temos de annunciar ao publico desta Capital que em Caxias cessou o Brado, e que em seu lugar apparecem—o Jornal Caxiense—mais contricte e arrependido do que o primeiro, porém sempre filho do Sr. Candido Mendes d'Almeida.

(Do Unitario n. 18 de 25 de Abril de 1845.)

A vista pois desse 1.º artigo, e com especialidade do 2.º, bom é de crer que appareça em vez do—*Jornal Cariense*—o promettido—*Estandarte*—, porém sempre filho do Sr. Candido Mendes d'Almeida.

Sou, Sr. Redactor,
Huma Chronista.

A REVISTA.

O ESTANDARTE.

—Sahiu á luz o tão promettido e apregoado Estandarte, e sahio com o emblema de seu nome enrolado em funeral, o que é de tristissimo agoiro para o partido a que pertence, pois parece annunciar lhe o destrucção: vem substituir na imprensa o lugar do defunto Unitario de aguada memoria, é publicado no mesmo formato e papel, e redigido pelas mesmas pennas com poucas variantes. O seu 1.º n.º traz a data de 10 de junho, e contém artigos que parecem escriptos a mais de mez, sem referencia alguma á actualidade, e todos no mesmo alarim: é uma especie de toada monotona e fatigante.

A graça é que o novo órgão do partido exclusivo, que começa por pregar ad ephesios como o seu antecessor, estampando artigos retardados e bolorentos, accusa por prevenção nas folhas ligueiras do escreverem, não para a provincia onde são publicadas e lidas, mas para a corte onde não podem ter echo senão remoto e amortecido. Uma tal arguição feita por aquelles mesmos que guardando entre nós o mais completo *mutismo*, apenas davão copia de si, mandando por um canal, já hoje bem conhecido, inserir lá ao longe na Sentinella da Monarchia certas correspondencias em que erão desfiguradas nossas cousas, mais excita o riso que a indignação, pelo que tem de inverosimel, contradictoria e absurda. Os do Estandarte estão-se, como lá dizem, sangrando em saude, mas por forma tal que cada vez mais se encravilhão, como se observa neste trecho: "Os impressos (periodicos) são muitas vezes demorados nas typographias a espera da salida do vapor para o sul, afim de os não poder acompanhar uma só carta particular que possa esclarecer a verdade." Ora as folhas inculpadas sahem todas regularmente, em dias certos e determinados, havendo entre ellas uma que até sahe diariamente: por tanto os taes Srs., quando nos imputão aquillo que praticão, não fazem

mais que patentear a vergonha do mundo as propoias miserias. Bem certo é que mais depressa se apanha um mentiroso, que um coixo.

Não é menos divertido o merito que se arrogão do partido que adheriu a independencia de coração, quando é certo que os partidos tom passado por modificações e metamorphoses taes, durante o quarto de seculo em que somos nação independente, que os que restamos dentre quantos adherirão á independencia de coração, se achão justamente destruidos por todos elles. Era preciso ser Estandarte para avançar semelhante proposição.

A conciliação foi aqui pregada e proclamada por 4 trombetas; organisou se e constituiu se em partido politico, formado dos elementos de todos os outros que se achavão decompostos ou dissolvidos pela violencia dos governos de minoria, que pesarão sobre nós; os homens do exclusivo, ou o pequeno grupo que se tinha apposado de quasi todas as posições officiaes, accumulando cargos sobre cargos, não adherirão á conciliação porque não querião partir o que desfrutavão a sós, mas não ousavão boquejar contra ella, (tão justa e razoavel era cousa!) senão nas correspondencias do Sr. Candido Mendes, em que a mandavão vituperar e desnaturar no Rio de Janeiro; sentião se fracos de tão poucos que erão, para combatel a de frente, e apellavão para os manejos surdos; agora porem que esses uada aproveitão, e se veem em risco de perder as tão queridas posições, seja pela eminente decisão das urnas eleitoraes, seja porque já se achão em minoria na assemblea provincial, fazem das fraquezas forças, e protestão abertamente contra a conciliação que lhes não convem, arvorando o seu Estandarte de luto sobre as ruinas da Babilonia de corrupçõem em que vivião, ou antes vegetavão.

O Sr. Franco de Sá que, comprehendendo as necessidades da situação, se collocára prudentemente no centro dos partidos, ao tomar as redes da administração, e não se apoiou no partido da conciliação que organisára por sua politica, em quanto não rompera em hostilidades contra elle, fazendo-lhe opposição desleal (*) e systematica, já é para elles um mau presidente que opprime o partido bem tevi a que pertencia, só porque se lhes não curvou, como alguns de seus antecessores. Si se tratasse aqui de denominações de partidos, diriamos que a melhor e maior parte do partido bentevi está na conciliação ou liga que apoia a administração; mas não se trata de denominações ociosas e contestaveis e nem tão pouco de oppressão que não existe; trata-se de governo e opposição, e de saber de que lado está a razão e a justiça. Mostre o Estandarte quaes são os actos condemnaveis do governo provincial, si quer que a sua opposição pareça justificada, porque em quanto o não fizer, a razão estará do lado daquelle. Bem disse uma das folhas da liga (o Correio Maranhense), que o Sr. Franco de Sá devia contar que tinha contra si a gente do exclusivo, desde que se não sujeitou a servir-lhe de instrumento.

Tambem pedem a S. Exc. que se declare, e não sabemos de que especie de declaração se trata; pois, alem da que fez

S. Exc. no seu programma, entendemos que lhe não é permitido fazer outra, visto como o presidente é o administrador da provincia, e não de qualquer partido. Mas si é a posição de S. Exc. que se referem, o por tal concebem a sua declaração, nesse caso a attitudo energica que tomou S. Exc. em presença das hostilidades do partido de que são órgão, deve convencel-os de que o Sr. Franco de Sá soube pela segunda vez comprehender as necessidades da situação.

Fastidioso fora si quizessemos proseguir na análise de um papel tão fértil em queixas váas, quão estéril em factos, por que seria muito entrar em especialidades que reputamos desprezaveis, como essas intrigas que se pretendem mover entre o Sr. Franco de Sá e os seus parentes, ou tocar em factos anteriores a presidencia do mesmo Sr., e que não vem para o caso. Para que se fique fazendo idéa da boa fé e lisura com que escreve o Estandarte, basta saber-se que celebrando como uma grande victoria a reeleição do Sr. Angelo Moniz, cala a grande derrota que soffreu a opposição, quando se tratou na assemblea provincial da primeira questão apresentada pelo governo—a redução da força policial—; questão posterior á da reeleição do Sr. Moniz, e em que o governo teve uma maioria de 17 votos contra 10, a que ficou reduzida a opposição que viu cabir um por um todos os enxertos que introduzira na proposta, como força elastica até 400 praças, guarda campreste em todos os districtos da provincia, pensões a officiaes demittidos &c. Este facto pelo qual a opposição pertendia forçar o governo a receber muito mais do que pedia, ou tudo aquillo que julgava dispensavel, é novo nos annaes parlamentares, o caracteriza elle só a opposição do Maranhão como a mais extraordinaria de todas as opposições havidas, e por haver. Essa grande victoria economica obtida sobre taes perdutores, e em virtude da qual a força de policia ficou reduzida ás 200 praças que pedia o governo, realisou-se até ao dia 8, o Estandarte sahio com data de 10 do corrente, e correu-lhe a esponja por cima sem a menor cerimonia. Eis-aqui o que é escrever para a provincia, e não para a corte!

—No dia 7 do corrente foi demettido de inspector do thesouro publico provincial, o Sr. Paulo Nunes Cascaes, que na questão economica de redução da força policial fez opposição ao governo, e cuja inhabilidade para exercer este importante logar era alias reconhecida. Fôr nomeado para inspector do referido thesouro o Sr. Dr. Alexandre Theophilo de Carvalho Leal.

AVISO.

[P] Vende-se dous escravos, um molto cabra, de 18 a 19 annos de idade, e official de alfaiate, porem não corta, e outro de 21 a 22 annos official de pedreiro: quem quizer compral-os dirija-se a rua da Paz, enza nova de sobrado sem n.º de frente da em que mora o Sr. Antonio Domingos d'Azevedo.

Maranhão, Typographia da TEMPERANÇA—1847.
Impresso por M. P. Banta, rua Fomosa n.º 2.

(*) Alludimos a mocção sobre o secretario do governo apresentada e combalido pelo Sr. D. Francisco.